

ACORDOS GERAIS ENTRE PORTUGAL E ESPANHA, PORTUGAL E BRASIL

Maria do Céu Fonseca
Universidade de Évora
cf@uevora.pt

1. Cooperação hispano-luso-brasileira

A ilustre Direcção da “Asociación de Profesores de Lengua Portuguesa en España” propõe-me para reflexão um tema que, bipolarizado entre parcerias luso-espanholas e parcerias luso-brasileiras, sintetiza habilmente as relações integradoras do trinómio hispano-luso-brasileiro. Porquê este modelo triangular de cooperação? A resposta vem em vários documentos lavrados em Cimeiras Ibero-Americanas: existência de uma base linguística comum e, consequentemente, um substrato histórico e cultural partilhado¹. Mais especificamente, invoca-se, por um lado, o facto de que “portugueses e espanhóis deviam considerar-se, nos domínios linguístico e cultural, parceiros preferenciais, já que entre eles a inter-compreensão é uma possibilidade”²; e, por outro lado, o de que Portugal e o Brasil são “os dois alicerces da lusofonia”³, já que o Brasil, possuindo uma variante nacional do português, constitui, em número e vitalidade de falantes, o maior dos oito Estados-membros que integram a organização internacional da “Comunidade dos Países de Língua Portuguesa” (CPLP). Integrado, por outro lado, no bloco regional do Mercosul, o Brasil fortalece a aprendizagem do português nos países da América Latina de língua oficial espanhola.

No quadro da cooperação multilateral, o interesse de Portugal pela Europa e pela União Europeia (de que é Estado-membro desde 1986, como Espanha) é recente. Antes dele e durante muitos séculos, fosse por política diplomática ou expressão de proximidade linguística e cultural, as vertentes ibérica e lusófona foram vias privilegiadas do acesso ao exterior. E assim se mantiveram no quadro da integração

¹ A título de exemplo, registe-se o seguinte ponto da “Declaração do Porto”, por ocasião da VIII Cimeira Ibero-Americana, realizada no Porto (Portugal), em 1998: estreitar “os laços históricos, culturais e linguísticos que estão na base da comunidade ibero-americana, pelo que entendemos que a cooperação ibero-americana deve ter como eixos principais de actuação: a difusão das línguas e cultura que partilhamos; o aprofundamento e o intercâmbio do conhecimento mútuo das nossas sociedades, e o fortalecimento das nossas instituições”, <http://www.oeibrpt.org/viiiicumbre.htm> [consultado em Março de 2007].

² Maria Helena Mira Mateus. 2001. “2001 – Mais línguas, mais Europa”, in Maria Helena Mira Mateus (coord.). *Mais línguas, mais Europa: celebrar a diversidade linguística e cultural da Europa*. Lisboa: Colibri, p. 19.

³ Teyssier, Paul. 1988. Lição final. *Actas do Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo*, vol. I. Lisboa: ICALP, p. 46.

européia, que trouxe consigo uma cooperação mais atenta à renovação das relações seculares, uma cooperação pensada, planeada e executada sem preconceitos e com maior credibilidade.

Considerando-se a língua um valor fundamental para o desenvolvimento da política externa e catalisador de muitas sinergias – alianças políticas, convergências económicas, acções sociais e culturais conjuntas –, importa começar a reflexão por aí, isto é, pela análise, breve que seja, do processo de ligação dos hispano-luso-brasileiros, a partir da língua que falam. Em jeito de revisão saudável desta ligação de um bloco transnacional e superando a memória dos conflitos, recordem-se rapidamente alguns poucos factos.

(...)